

PERMANÊNCIAS E RUPTURAS

A evolução da linguagem no desenvolvimento das cidades

PERMANENCE AND BREAKS

The evolution of language in the development of cities

A. Diego Pérez-Rial

*UPC. Barcelona Tech; Universidade Politécnica da Catalunha, Espanha.
perezrial.diego@gmail.com*

RESUMO

Este artigo apresenta uma leitura alternativa sobre o papel do desenvolvimento da linguagem e seu impacto nas mudanças da estrutura das cidades. Postula-se que, a partir dos avanços da percepção cognitiva coletiva e de sua expressão, a construção e o uso do ambiente urbano se encontrem refletidos como uma consequência inevitável de novos comportamentos, derivados desses saltos linguísticos. Serão estudados, para tal, tipos de cidades decorrentes de avanços em diferentes campos da linguagem, desde a antiga cidade indo-europeia e as civilizações mesoamericanas, até a cidade pós-industrial. Por conseguinte, abarcam-se os períodos medievais na Europa; o renascimento italiano; os períodos barrocos franceses e latino-americanos; as cidades modernas e modernistas e as novas formas da cidade industrial. O objetivo é o de propor uma classificação temporária que acompanhe os avanços mais importantes dos dispositivos linguísticos, ao longo da história, buscando uma conexão entre desenvolvimento cognitivo e mudança urbana.

Palavras-chave: historiografia da arquitetura, teoria urbana, linguística.

Linha de Investigação: 1: Cidade e projeto.

Tópico: História Urbana e História do Urbanismo.

ABSTRACT

This paper presents an alternative reading towards the role of language development and its impact on the changes in the structure of the cities. It postulates that, from the advances of the collective cognitive perception and its expression, the construction and the use of the urban environment runs parallel with the inevitable consequence of new behaviors, derived from the linguistic evolution. We intend to study classes of cities emerged from advances in different fields of language, from old indo-european cities and mesoamerican civilizations, to the post-industrial metropolis. As a result, the work covers the middle age period in Europe; italian renaissance; french and ibero-american baroque periods; modern and modernist cities, including new forms of the industrial city. This work also proposes a temporary classification that follows the most important advances of linguistic parameters throughout the history, seeking connection between cognitive development and urban changes.

Keywords: architecture historiography, urban theory, linguistics.

Research line: 1: City and project.

Topic: Urban History and History of Urbanism.

Introdução

Este trabalho consiste em uma proposta de estudo mais amplo, relacionando linguagem e ambiente construído. A ideia geral é a de criar uma classificação atualizada e específica, dentro de uma linha de tempo, que relacione os avanços em determinados campos da linguagem e a construção continuada do espaço citadino. Obviamente, a historiografia da arquitetura e do urbanismo já relacionou eventos históricos de toda sorte e a maneira como eles se refletem no espaço construído, desde as guerras, as pandemias, os avanços científicos e a própria linguagem. No entanto, acreditamos haver espaço para uma formulação mais geral e direta deste segmento, no objetivo de criar uma didática focada e promover uma compreensão mais voltada aos componentes histórico-simbólicos do fazer cidade. Não se trata de colocar o ovo de Colombo em pé, mas de estabelecer determinadas relações no desenvolvimento do problema da cognição coletiva e sua resposta física no território. A compilação e pesquisa, dentro da miríade de obras já produzidas sobre a história da cidade, da crítica e da teoria urbana - e da própria ciência, como um todo, desde a arqueologia até a genética - podem nos levar a caminhos ainda inexplorados. Portanto, a proposta aqui descrita não é uma conclusão de tese, mas um percurso interpretativo com resultados iniciais e especulativos elencados, a título de processo, no último apartado.



Fig. 01 - Manifestação popular em 2011, na Praça Tahir. Cairo, Egito. Fonte: exame.abril.com.br.

1. Condições civilizatórias da urbanidade: a escrita

1.1. A escrita e a cidade antiga

Nos primeiros momentos da evolução humana, não havia uma capacidade integradora que permitisse alcançar organizações estratificadas que, hoje em dia, poderíamos chamar do sistema que constitui e define uma urbe. No entanto, esse longo processo de aculturação, estratificação e especialização da atividade humana pode ser matizado em conjunto com a capacidade desenvolvida - ao longo dessa mesma evolução - de encontrar novos caminhos de comunicação, sejam eles falados, desenhados, escritos, projetados ou sistematizados. Nos milênios em que o animal humano obteve seu desenvolvimento psico-fisiológico-evolutivo, as habilidades de linguagem foram gerenciadas a partir da capacidade de falar e de constituir os sinais de fala, até a de executar o salto de ligação que lhe permitiu alcançar a invenção da linguagem organizada, embora, de forma incipiente. Realizada essa tarefa, as organizações humanas, lentamente, se estratificam. Nas primeiras civilizações urbanas, já encontramos o registro de uma codificação coerente e de uma escrita própria. Este legado nos permitiu realizar a aventura do encontro comercial primário: a troca.

Na bacia dos rios Tigre e Eufrates, havia um primeiro núcleo urbano que, desde os tempos antigos, se estendia aos confins do Mediterrâneo. Este se desenvolveu paralelamente à ocupação humana ocorrida na Indochina. Tais fenômenos se deram no que seria, hoje, o Oriente Médio. Mais especificamente, a Mesopotâmia, regiões do Egito e adjacências. Segundo Sjoberg (1977), a urbanidade só pode ser realizada quando uma população atinge o nível de capacidade de comunicação escrita. Seria, precisamente, o que aconteceu nessas cidades, onde a caligrafia é estabelecida, juntamente com a representação gráfica dos números. É sabido que nosso alfabeto ocidental corresponde a tal legado, assim como os numerais foram inventados nas regiões habitadas pelos fenícios.

A estruturação dos primeiros templos, reunindo em seu entorno as primeiras populações - como os da mítica cidade da Babilônia - só foi possível porque havia capacidade organizacional e comunicativa para uma sociedade se estabelecer e, de comum acordo, construir artefatos e equipamentos que atendessem às necessidades de uma comuna em expansão. Postulado o primeiro avanço linguístico, as comunidades se desenvolveram em direção a estratificações mais avançadas, tanto do ponto de vista da organização social como da construção, atingindo níveis de refinamento que produziram o que se conhece como 'espaço público'. Referimo-nos à *ágora* das *pólis* gregas, espaço de debate e convívio que influenciaria a organização espacial das cidades do império romano, primeira civilização global do ocidente.

No entanto, essa conquista coletiva é estabelecida dentro de uma mesma linha cognitiva, que seria o incremento da capacidade humana de comunicar-se através da escrita e do desenvolvimento das matemáticas básicas. Isto possibilitou uma melhor navegação, construção em pedra e argila, descrição e manutenção de um código de leis, além de outra infinidade de avanços. Tais logros não são apenas encontrados no mundo romano, pois, a extensão do paradigma da cidade organizada de acordo com as trocas entre manufaturas e produtos agrícolas era uma condição básica praticada, também, nas planícies da China, da Índia e entre as populações árabes. O Casbá, ou a comunidade de vizinhança árabe, permanece até hoje como um dos exemplos de organização urbana mais complexos.



Fig. 02 – Partenon, em Atenas (447-432 a.C.). Fonte: (Zevi, 1984).

1.2. A cidade medieval

Na Idade Média, a cidade evolui de forma reversa à antiga, onde pode-se afirmar que ela sofre uma certa involução. Com as invasões bárbaras, o esplendor do mundo romano diminui gradualmente e a Europa se fragmenta, retornando à uma realidade rural. As cidades perdem importância como entreposto e elo de ligação entre regiões. Com a 'desromanização', as terras caem nas mãos de proprietários (suseranos) que, em seu estamento, criam sistemas menos complexos de defesa, controle e permuta. A cidade volta a se organizar a partir da antiga perspectiva da troca comercial. Ao longo de um milênio, desde o final da Idade Antiga e a queda do império romano do ocidente até o renascimento florentino, o predomínio da vida rural ressignifica os cruzamentos de caminhos e as fortificações. A cidade medieval surge desses encontros, onde a linguagem - praticamente estagnada - se desenvolve, unicamente, pela lenta variação dos idiomas e o desenvolvimento da cultura pela tradição oral. As técnicas e os escritos produzidos permanecem armazenados em mosteiros e igrejas, aos quais pouquíssimos privilegiados podiam ter acesso. Esta realidade se deu até a invenção da imprensa, por Johannes Gutenberg, por volta de 1439.

Os chamados burgos, agrupações próximas aos castelos, desdobram-se gradualmente das fortificações circulares às quadriculas - do ponto de vista formal - antecipando o que seria a nova organização urbana ocidental e também na América, aparecendo nos tratados regulatórios que surgiram com o renascimento.

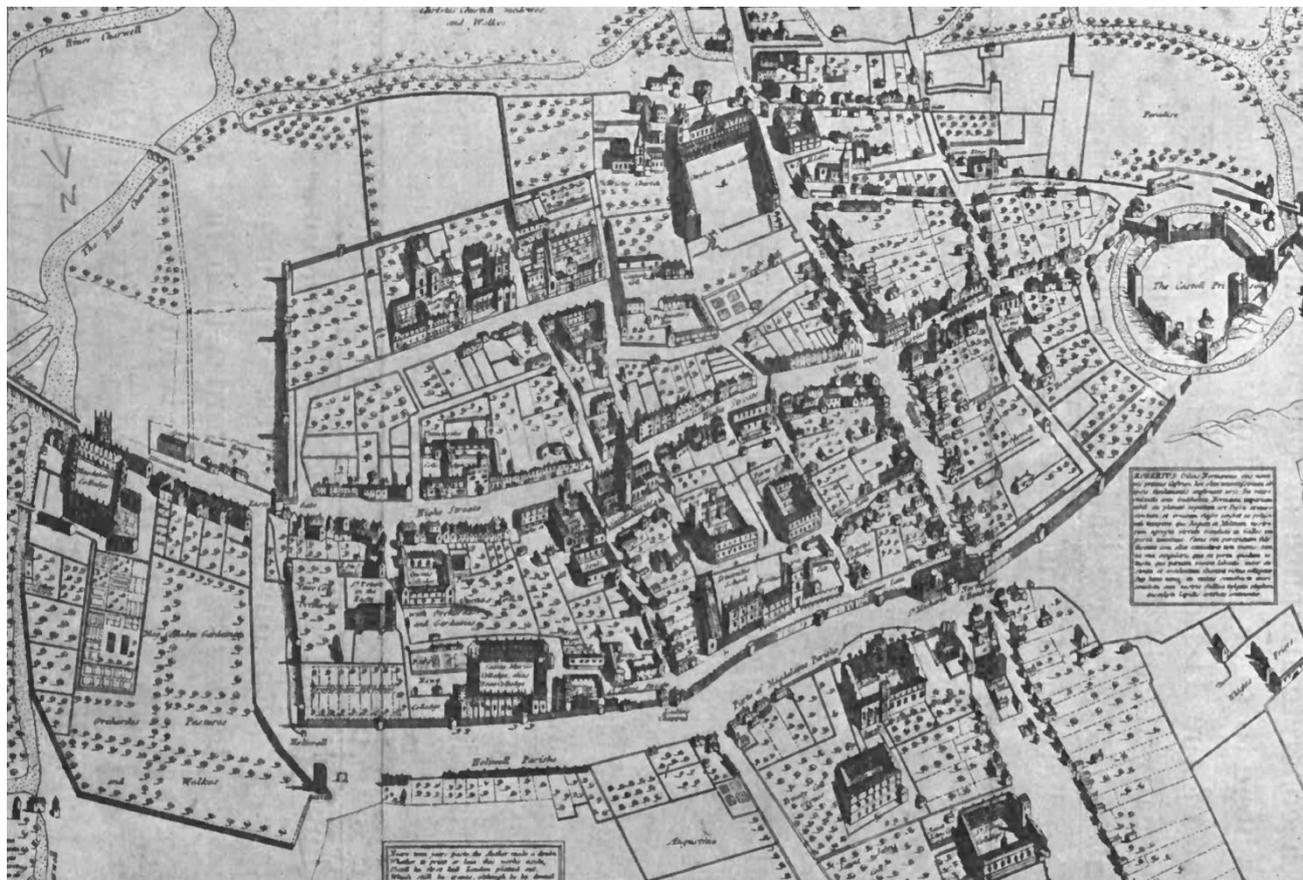


Fig. 03 - Plano de Oxford em 1574. Fonte: (Geddes, 1915).

1.3. As civilizações pré-colombianas

O panorama em outros continentes, em meados do século XIV, pouco antes das grandes navegações e do final da Idade Média (na Europa), configura-se numa miríade de populações chamadas - *a posteriori* - indígenas, mas que não compartilhavam os mesmos níveis de desenvolvimento civilizatório. É verdade que, de acordo com Sjoberg (1977), os povos incas - localizados na parte ocidental da América do Sul - não desenvolveram um sistema linguístico completo de modo a garantir uma civilização adequadamente urbana. De fato, isto ocorreu apenas com os maias e astecas - povos da América Central - durante esse mesmo período histórico. Apesar de possuírem uma estratificação social diferente da europeia, eles conseguiram desenvolver sinais gráficos e escritos, o que lhes permitiu alcançar o status de civilizações urbanas, como evidenciado pelos sítios arqueológicos, entre eles, as áreas de Tenochtitlán, no México.

A chegada do europeu, conquistador e colonizador, aparatado com melhor tecnologia e vontade de apropriação, acabou interrompendo o processo civilizatório próprio dessas populações, impondo e mesclando labores e interações. A colonização dessas latitudes gerou uma transposição de valores e métodos que haviam sido iniciados no período medieval e que agora, após as incipientes teorias do renascimento - que logo tomariam forma na Europa - introduz o tema da quadrícula, inovação medieval adaptada ao domínio de novos territórios naturais.

A cidade americana passa a ser configurada de forma ortogonal, adaptada ao relevo e teorizada por duas ideologias paralelas e unificadas: a guerra de conquista e pilhagem, amparada e justificada pela imposição da religião católica. Apresentam-se duas variações do tema, sendo que a primeira - costeira - configurava um espaço reticular espacializado a partir de uma peça central: a igreja à beira-mar; e a segunda, - interiorana - que se conformava pela mesma quadrícula, exceto na peça eclesiástica, que se encontrava localizada numa posição central com relação ao plano da terra ocupada. Buenos Aires será exemplo da primeira e São Paulo, da segunda.

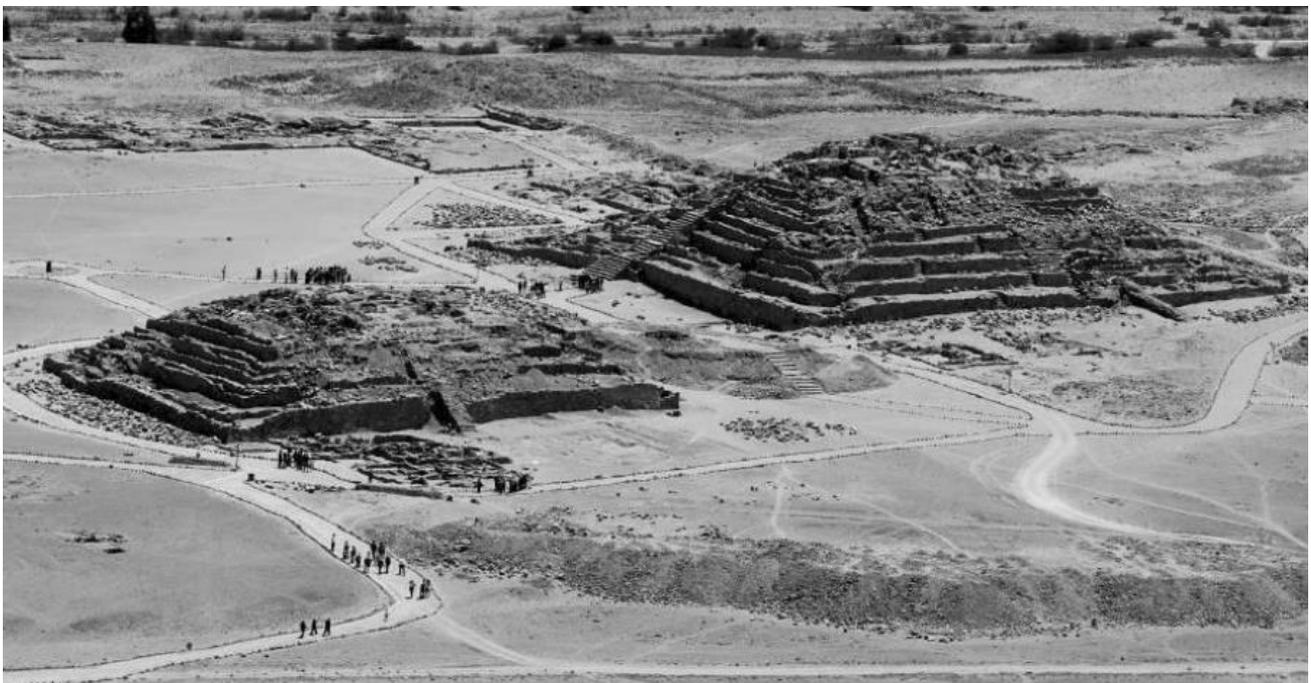


Fig. 04 - Exemplo de pirâmides das civilizações pré-colombianas. Fonte: elaboração própria a partir de arquivo pessoal.

2. Salto à ordem renascentista: a perspectiva cônica

2.1. A perspectiva cônica

Se o espaço urbano perde relevância no período medieval europeu, uma revolução intelectual e comercial, germinada desde o século XIV mudaria a trajetória, não apenas de um continente, mas de todo o mundo. Junto a essa revolução, a mudança mais significativa nos campos da arte, da arquitetura e, de acordo com nossa perspectiva, no campo da construção do território urbano, será a invenção - ou a descoberta sensorial - da perspectiva cônica.

A 'época do humanismo', como acreditava Tafuri (1982), começa no renascimento. Mais especificamente, com duas realizações do arquiteto florentino Filippo Brunelleschi. Por um lado, a execução da expressividade plástica-inventiva de alcançar a - anteriormente inabarcável - façanha de desenhar a perspectiva de um modo que se chegasse a uma impressão inequívoca de profundidade. Por outro, a invenção de uma maneira de trabalhar própria, dirigindo um ateliê no qual o arquiteto não executaria plano e obra sozinho, como um artesão, mas sendo um líder de equipe. Portanto, para Tafuri (1982), esses dois fatos indiciam uma nova era

baseada no homem como figura central (e que se esgotaria na contemporaneidade), numa vigência para além do que os historiadores de hoje conhecem como o renascimento italiano.

Em Florença, Brunelleschi terminará a cúpula de *Santa Maria dei Fiore*, que Leon Battista Alberti relacionará a um 'símbolo que abrange não apenas a cidade, mas toda a Toscana' (Argan, 1982:45). Ante a herança de Vitruvius, tratadista da antiguidade, Alberti fará o relato de uma nova fronteira linguística. A perspectiva cônica marca um antes e um depois, primeiro na pintura, onde se observa, claramente, que as imagens anteriores não refletiam a distância ocular como é percebida e como representa o cérebro humano e seus sentidos; e depois, na arquitetura, onde uma nova geometria permitirá a compartimentação de um espaço total. Por muitos séculos, desde esse primeiro método efetivamente projetivo, até o limiar do barroco, o mundo ocidental experimentaria uma nova espacialidade e novas regras de composição.



Fig. 05 – Praça de São Marco, em Veneza. Século XV. Fonte: (Zevi, 1984).

2.2. América: o colonial e o barroco

A herança ibérica na América começa a ser configurada a partir da figura geométrica, notadamente a quadrícula, modalidade de projeto urbano importada da Idade Média, mas que acaba por remeter-se às tradições mediterrâneas e às construções de matriz árabe. Extirpadas da península, deturpadas, simplificadas e controladas pelas atividades militar e eclesiástica dos colonizadores, elas se prestarão ao desenho das novas vilas e fortificações. Quanto às regras gerais, as chamadas "Leis das Índias" imperam como um manual de ocupação e o destino dos cascos urbanos das futuras cidades e capitais americanas ficará sedimentado sob suas ordens. A geometria renascentista, por sua vez, une-se a esse patrimônio, finalmente, em um barroco que se inspira, mas não regula com o homônimo francês, já no final do século XVIII.

Herdeiros dessa tradição, os conjuntos urbanos barrocos da América continuam existindo hoje e lembram aos habitantes e turistas da 'rugosidade do tempo no espaço', como explica Milton Santos (2008). Muitos

estratos comparecem sob a mesma configuração urbana, onde se nota - em cidades brasileiras como Salvador da Bahia, Ouro Preto e Rio de Janeiro ou colombianas e peruanas, como Cartagena das Índias, Cusco e Lima - a idade do espaço e suas perspectivas de mudança já que, agora, a humanidade pode suspeitar de uma profundidade rotunda, que vem de mãos dadas com a ideia cosmogônica de um mundo que gira infinitamente.



Fig. 06 - Salvador, Bahia. Século XVII. Fonte: (Vasquez, 2003).

2.3. Europa: a permanência do barroco

Em Roma, capital do antigo império, as reminiscências de uma época em que o poder total emanava da relação espectral de Deus com o homem, refletem-se no complexo do Vaticano. Se Brunelleschi começa a revolução, ou o salto em direção à modernidade, Gian Lorenzo Bernini será o mestre que direciona o voo do olhar arquitetônico ao plano urbano. A balaustrada da *Piazza San Pedro* retoma a antiguidade clássica em escala monumental e distorce o ambiente, ao flexionar os palácios e gerar eixos e abóbadas bidimensionais. Como exemplo do barroco tardio, a Itália apenas encontra paralelo na potência emergente, a França de Luís XVI. No Palácio de *Versailles*, os marcos do resplendor de uma era se materializam. O jardim das delícias dos monarcas gauleses contém a essência de um classicismo que predominaria até a modernidade, com o advento de uma nova ordem mundial. Dessa ordem participa o Barão Haussmann ao promover, em Paris, a primeira das grandes reformas urbanas ou, por outro lado, o 'último suspiro' de uma maneira de governar: o absolutismo.

Ao iniciar a abertura dos *boulevards*, o mandatário reconhece o problema da degradação do ambiente citadino não-regulamentado e da saúde pública como problema de moradia. A doutrina chamada 'higienista' chegaria em breve a cidades como Londres, Madri e o próprio Rio de Janeiro. Mesmo assim, uma onda de requalificações urbanas começa a ocorrer em todo o mundo, desde Viena, em seu *Ringstrasse*, até cidades americanas como Nova York e Boston, onde são construídos parques urbanos lineares.

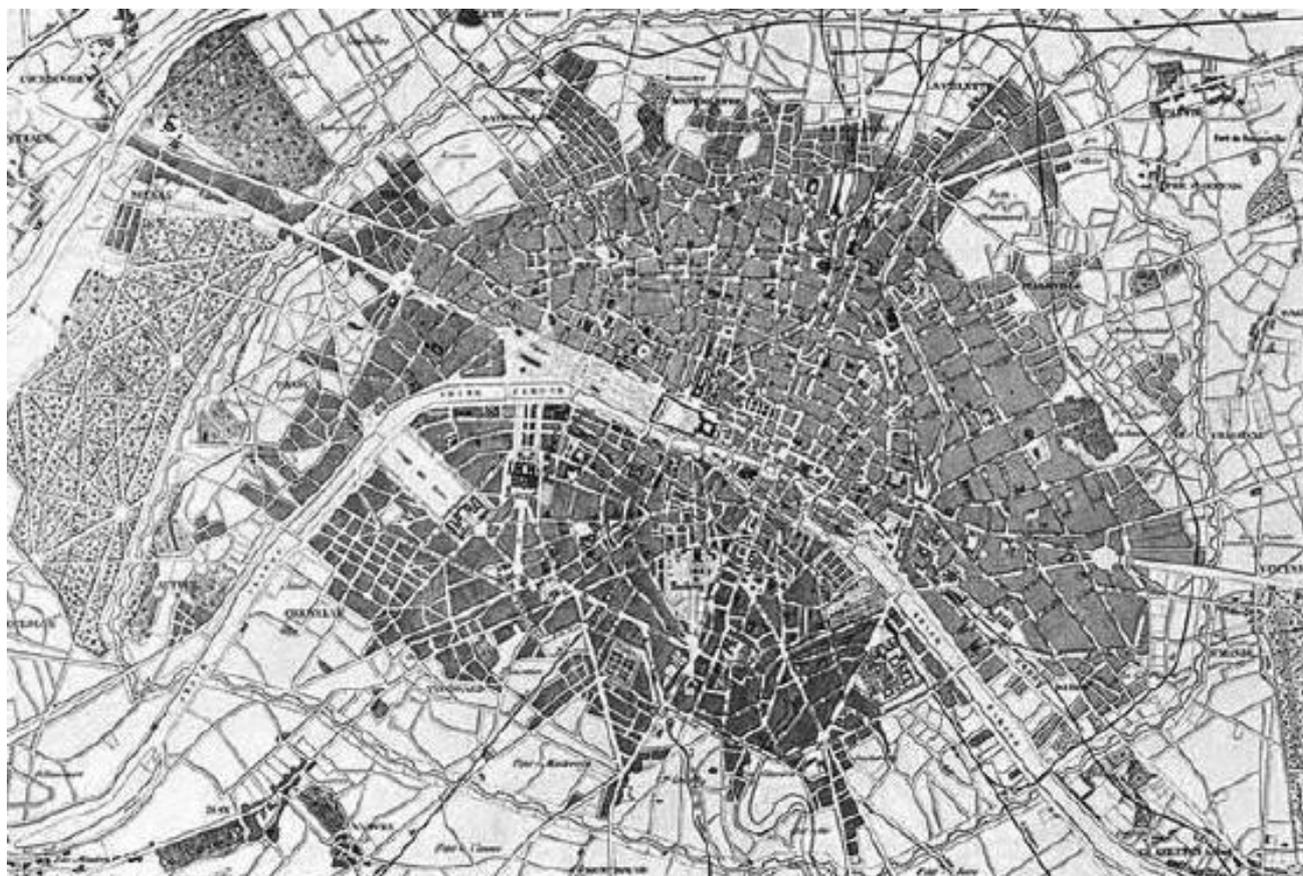


Fig. 07 - Plano de Paris, melhoramentos realizados na gestão do Barão Haussmann. Fonte: arquitetandoblog.wordpress.com.

3. Do urbanismo barroco à cidade industrial: o método científico

3.1. O método científico e o planejamento urbano

O tratado de urbanística de Idelfons Cerdá sairia à luz após sua experiência de planejamento, em Barcelona. Na segunda metade do século XIX, esse engenheiro espanhol inaugura um novo campo do conhecimento, o urbanismo científico, postulado após toda uma mudança de paradigma. No campo da linguística, podemos sugerir uma nova fronteira, que intensificaria a relação direta - inaugurada no renascimento - do homem como ator central frente a natureza e afastado da onipresença de figuras intermediárias, como santos e outras deidades.

O método científico, ou o modo de verificação do mundo sensível, resgatado por René Descartes e desenvolvido por Isaac Newton, segundo nossa visão, seria o terceiro elo que transforma a maneira como o ser humano produz uma cidade. A 'Teoria Geral de Urbanização', de Cerdá (1867), datando de quase cem anos mais tarde e já fundamentada nos valores iluministas, nos remete a essa tentativa coletiva de transformar grandes problemas em pequenas frações (e dissecá-las). Algo que a sociedade moderna passaria a adotar como norma, ao enfrentar os desígnios da casualidade.

Nessa perspectiva, outras manifestações importantes de um planejamento urbano centrado no cientificismo ou, pelo menos, em um proto-cientificismo, incluíam propostas e realizações como a 'Cidade linear', de Arturo Soria, nos arredores de Madri e relatada no livro de Fernando Chueca Goitia (2007), intitulado 'Breve história do Urbanismo'. Ainda, surge toda miríade e numerosos exemplos de cidades-jardim adotados na Europa da época, que seriam protagonistas do primeiro movimento do urbanismo modernista.

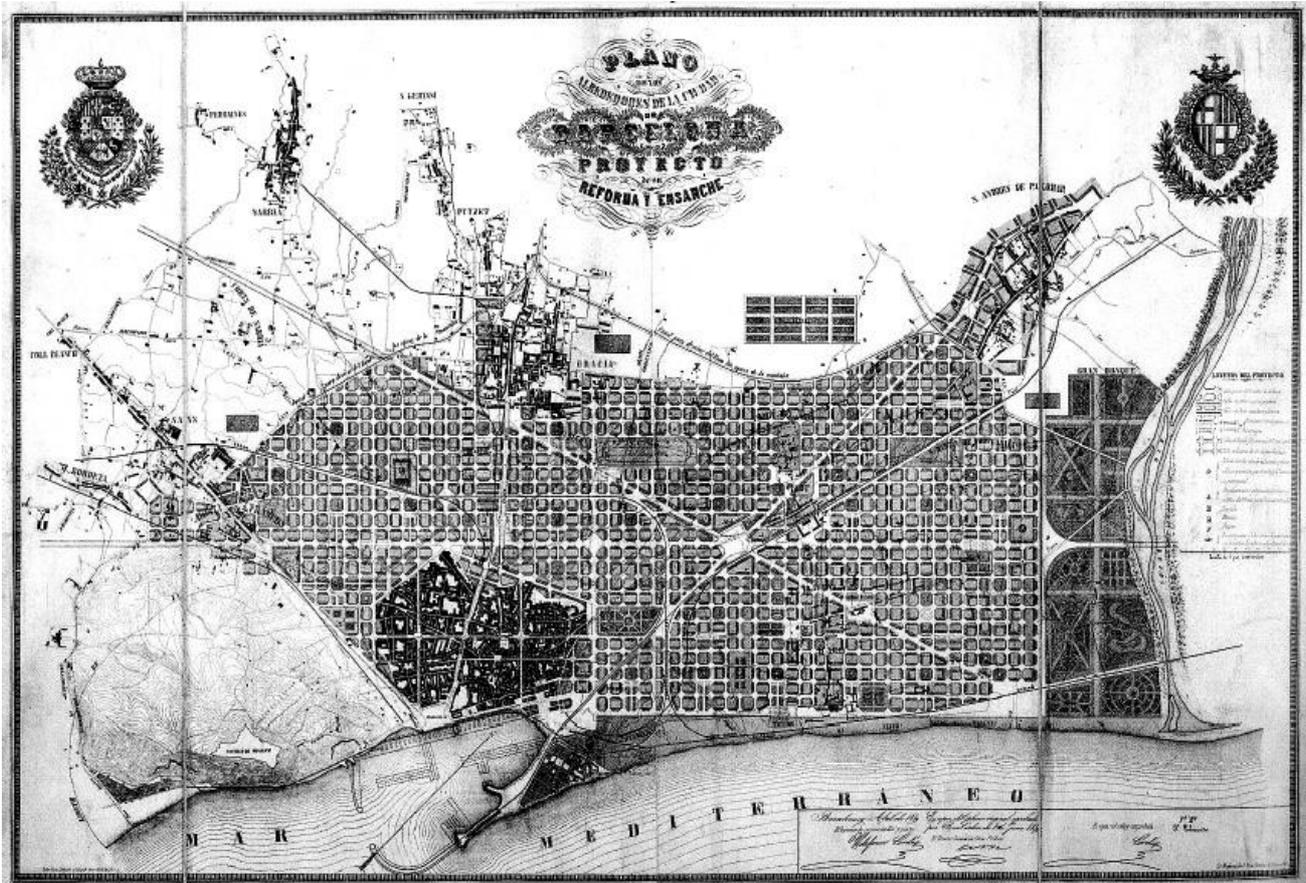


Fig. 08 - Plano Cerdá, para a cidade de Barcelona (1859). Fonte: *Museu d'Historia de la Ciutat*.

3.2. *Fin de siècle* e modernismo

Um dos casos mais emblemáticos da nova gramática moderna também ocorre na Espanha. Industrializada tardiamente, se comparada a centros como as capitais continentais (Berlim, Paris) ou a grande potência do período pós-barroco (Londres), Barcelona vive um movimento artístico/arquitetônico comparável aos marcos mais radicais do continente. A *renaixença*, cujo sentido também pode traduzir-se como o modernismo catalão, é uma vanguarda próxima à *Art Nouveau*. Esse movimento plástico, baseado em um aporte artesanal para técnicas industriais incipientes, permitiu que uma cultura urbana de investimento na qualidade do espaço público fosse valorizada e incrementada até os dias de hoje.

O ambiente urbano barcelonês é caracterizado por um desenho realizado com ciência, arte e técnica: três pilares de inovação inerentes à modernidade. No que diz respeito às vanguardas históricas, Barcelona tem

um peso fundamental ao ajudar a formar gênios da envergadura de Pablo Picasso ou Salvador Dalí - personagens que mudaram a história da humanidade, precisamente, usando o método científico num campo tão insólito quanto o das artes plásticas.

Quando surge o tema das vanguardas, não é necessário lembrar que toda a primeira metade do século XX é definida por elas, tanto no campo artístico como no arquitetônico, o que influencia decisivamente o urbanismo subsequente. A nova maneira de 'fazer cidade' se delineia no pós-guerra, através das ideias normalizadoras da Bauhaus. A escola germânica de *design* formou os intelectuais inovadores que emigraram para a América (Benévolo, 1997) e definiu, junto com mestros modernistas - como Le Corbusier e Lucio Costa - as premissas urbanas da metrópole industrial. O que a Bauhaus promove, portanto, será a 'normalização' das vanguardas e, finalmente, virá definir o método científico capaz de ordenar a experimentação total da nova ordem social e técnica que surge entre os séculos XIX e XX.



Fig. 09 - Edifício da Escola Bauhaus, de Dessau. Fonte: (Gropius, 1980).

3.3. A ruptura moderna

Le Corbusier, arquiteto genial, inventivo e grande agitador cultural, passaria de vanguardista a normativo, após a Segunda Guerra Mundial e, juntamente com alguns exilados da Bauhaus (Walter Gropius, Mies Van der Rohe, Wassily Kandinsky ou Paul Klee) definirão o que seria entendido como o funcionalismo - e seus opostos. A vigência da arquitetura moderna, do sistema veicular urbano e da habitação em grande escala e altura têm seu auge nos anos cinquenta e sessenta do século XX. Porém, a derrocada acontecerá no limiar da década seguinte onde, novamente, Paris é protagonista.

O movimento estudantil de 1968 pede uma mudança social, o que ecoa na recusa da maneira de 'idealizar' o comportamento humano e na forma coercitiva da sociedade estatal. O espaço público é, agora, um ponto de encontro para manifestações e ocupações, como postula Delgado (2007). As novas prerrogativas da pós-modernidade germinam nesse ambiente, porém, não apenas em Paris ou na Europa: os novos centros na Ásia e na América reivindicam um lugar ao sol e o ambiente urbano oferece novas alternativas, ainda que

matizadas por uma linguagem científica, como as teorias de Jane Jacobs (2014), ativista e autora do manifesto em forma de livro, *Morte e vida das grandes cidades*.

Assim, as ciências sociais agora têm um papel preponderante nas grandes mudanças urbanas, bem como nas novas formas de moradia, principalmente as cooperativas e auto-generativas, que surgem de um mundo emergente e periférico, onde a diversidade alça sua voz. O concurso PREVI, realizado em Lima (1966), é um exemplo dessa nova condição, onde são propostas soluções inovadoras e sustentáveis para o campo da habitação social. Arquitetos como Aldo van Eyck, Kisho Kurokawa e Charles Correa, participam com projetos modulares de vanguarda.

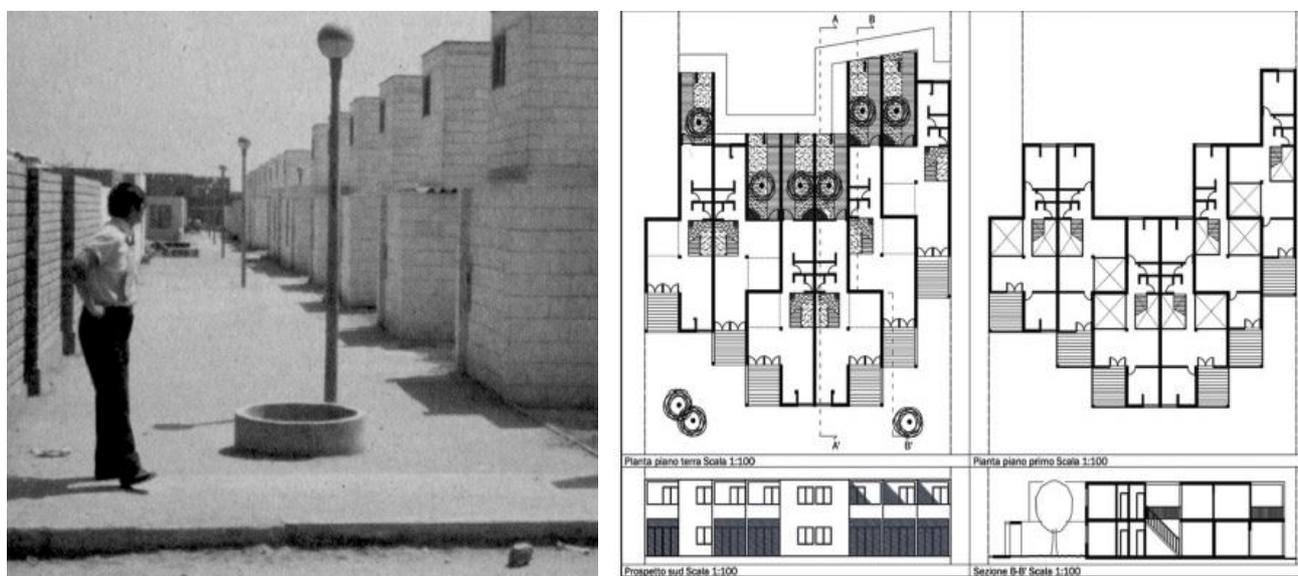


Fig. 10 - Charles Correa, plano e fotografia da obra construída. Habitação social para o PREVI de 1968. Lima. Fonte: (French, 2009).

4. Expansão urbana e elogio da densidade: as teorias da informação

4.1. A sociedade da informação

Se o concurso PREVI antecipou uma era em que a periferia é destacada e a modulação é a norma, as incursões arquitetônicas no futurismo tecnológico abrem caminho para novas interpretações de uma ciência incipiente, porém, radical. Os algoritmos da matemática avançada finalmente têm lugar em uma sociedade contábil, frenética e ansiosa por velocidade. As teorias da informação se desdobram em modelos computacionais. Formas auto-generativas – alcançadas, anteriormente, pelo desenho na prancheta - agora podem ser replicadas e desenvolvidas digitalmente, o que configura um novo salto linguístico.

A ciência da computação, assim, transforma o método científico que, de dedutivo torna-se indutivo, uma vez que a verificação é extremamente rápida. Dessa maneira, ocorre uma mudança na indústria e no comércio e, em decorrência, mudam também os paradigmas na arte e na sociedade. Neste momento histórico, o período contemporâneo acelera seu curso de revoluções. Aparece, no final dos anos 80 do século XX, a cidade-espetáculo, ou seja, um tipo de binômio cidade/arquitetura em que o sistema financeiro replica as operações monetárias no espaço urbano. O neoliberalismo produzirá bairros inteiros com base na especulação, estabelecendo marcos urbanos como o centro *Charles Pompidou* (para mantermos o exemplo em Paris),

anátema do culto à '*gentrification*'*; ou a *City* de Londres, um lugar que perdeu seus laços com o passado para transformar-se em uma floresta de arranha-céus, de onde os bancos dirigem a nova ordem mundial.

As primeiras iniciativas do que foi designado como 'planejamento estratégico' (Castells, 1982) - um modelo de projeto e gestão urbana vinculado aos resultados econômicos do desempenho turístico de um local, foram experimentadas em Baltimore, Estados Unidos. O *Inner harbour* (porto interior) remodelou-se de acordo com critérios de otimização. Seguiram-se, ao longo daquela década, experiências como as do próprio *Docklands*, na zona portuária de Londres; a reconstrução do eixo leste-oeste de Berlim; a vila olímpica de Barcelona, no ano de 1992 (uma das mais bem-sucedidas); e algumas soluções específicas no mesmo estilo, como a reforma de *Puerto Madero*, em Buenos Aires, Argentina.



Fig. 11 - Centro Georges Pompidou, situado no bairro do *Beaubourg*. Paris, França. Fonte: (Rial, 2014).

4.2. O 'não lugar' (de acordo com Marc Augé)

O urbanismo pós-moderno é definido pela regulação do espaço de acordo com fatores econômicos. Esse tipo de regulação se dá no limite da parametrização, onde o desenho fica praticamente subordinado por esses fatores. Marc Augé (1992), etnólogo e antropólogo francês, cunhou o termo 'não-lugar' para referir-se, especificamente, àqueles espaços que perderam o significado simbólico ou a escala humana, tornando-se regulados por fatores alheios à cultura e à vida comunitária.

Na cidade de São Paulo, o fenômeno conhecido como *Sprawl*** , ou a expansão do espaço urbano até os confins do território, enquadra-se no que o autor define como não-lugares, ocorrendo, como um fenômeno inverso ao da *'gentrification'*. O urbanismo da cidade pós-industrial é o urbanismo construído pela sociedade da informação - caótico, genérico e desconectado de sua coesão causal. Haverá, nesse sentido, uma explosão de multi-centralidades, como explicita Villaça (2001), e um subdesenvolvimento que frutifica sob o domínio da terra especulativa, nos centros mais desenvolvidos. Essa perda de singularidade (Koolhaas, 1998), leva a uma cidade genérica, resultado dos limites do urbanismo neoliberal.



Fig. 12 - Grande confluência viária, Califórnia, EUA. Fonte: outraspalavras.net.

4.3. A cidade pós-industrial

Os sistemas computacionais, impulsionados pelas teorias linguísticas da informação, têm transformado a sociedade em um ritmo vertiginoso e o futuro das cidades é bastante incerto. A coerência - ou não - das mudanças positivas e negativas, envolvem possibilidades inadvertidas e, portanto, o futuro da cidade pós-industrial é uma incógnita. Ela ainda não se organizou, pois a macroestrutura da metrópole industrial perdura, gerando nós intrincados de conexão com as novas formas arquitetônicas e infraestruturais. Estradas e quarteirões ainda são a norma e continuam sendo construídas, sem mencionar que a metrópole pós-industrial ainda é um mito, pois sua realidade construtiva não é tão ultradinâmica, se comparada às redes virtuais. No entanto, a sociedade pós-industrial já se configura como realidade.

Nesse ínterim, muitas ideias arquitetônico-urbanísticas têm refletido uma atitude projetual ligada à informática, mas fundamentada em nível local, como os planos urbanos de Manuel de Solà-Morales (2008) e seu conceito de acupuntura urbana, ou sistemas híbridos de fragmentação, como as propostas de Zaha

Hadid para Hong Kong (1991) e Cingapura (2014). No limiar da terceira década do Século XXI, surgem inúmeras propostas em nível global que, provavelmente, após o arrefecimento da crise econômica mundial de 2008 e da catastrófica pandemia de 2020, poderão ser concretizadas. A perspectiva temporal se alarga.

Outro tema de interesse que nos remete ao comportamento da cidade pós-industrial foi a onda de encontros populares não-violentos; as manifestações populares que ocorreram em todo o mundo sob a bandeira de uma nova democracia direta, retomando o papel do cidadão no espaço público, como as de 2012, 2013, 2014 e, mais recentemente, em 2020. Exemplos de fenômenos como os do '15M', na Espanha; da 'Primavera Árabe', no Egito (Praça Tahir, no Cairo); o 'Movimento Passe Livre' em São Paulo; ou o 'Black Lives Matter', nos EUA, revigoram os marcos de uma urbanidade que se acreditava esquecida. O embate político entre forças antagônicas se realiza, na atualidade, entre dois palcos, o virtual e o real e tal dinâmica interessa também aos estudiosos da linguística e do espaço urbano.

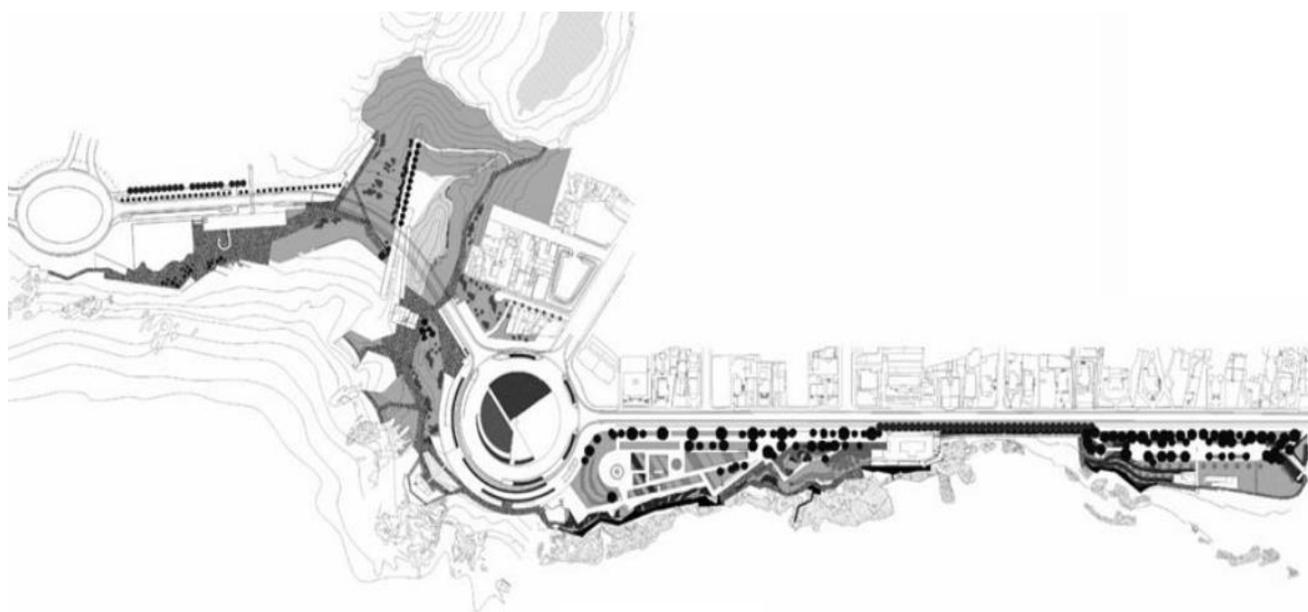


Fig. 13 - Plano urbano para Oporto, de Manuel de Solà-Morales. Fonte: (Solà-Morales, 2008).

5. Resultados Preliminares

Este breve repasso da aventura humana de habitar o planeta, sobre o espetacular trabalho coletivo que é o 'fazer cidade', foi problematizado através de especulações: a linguagem - e suas variações - define nosso modo de ser no mundo. Vai além, pois propõe que esse mesmo dispositivo também defina nosso *modus operandi* de transformar, fisicamente, esse mundo. Existem formas de aprendermos idiomas; de aprendermos informática; desenho; projeto; há toda uma ciência que estuda nossa maneira de nos comunicar e nos tornar sensíveis. Para além do solipsismo, há a esperança de uma correlação entre os homens e uma realidade comum que se materializa na co-construção do ambiente físico.

Se for esse o caso, considerar que existem saltos evolutivos, não apenas no campo das espécies, mas em seu trabalho coletivo e transformador, merece uma investigação aprofundada e que não permaneça em mera especulação. Existem pontos de partida e conhecimentos suficientes para apoiar um curso de pesquisa sobre esse tópico tão amplo e interessante, que já foi muito abordado na historiografia das disciplinas

correlatas, mas, nunca, sistematicamente. O objetivo de propor essa classificação temporária, que acompanha os avanços mais importantes dos dispositivos linguísticos ao longo da história, buscando uma conexão entre desenvolvimento cognitivo e mudança urbana, nos levou a relacionar - de forma preliminar a uma pesquisa mais ampla e direcionada - quatro dispositivos à momentos históricos que compõem morfologias e tipologias urbanísticas correlatas:

1. **A ESCRITA**, relacionada à realidade urbana compreendida entre a Idade Antiga e a Era Medieval, abrangendo o período Pré-Colombiano na América Central. (*circa* 3.200 a.C. - *circa* 1400 d.C.).
2. **A PERSPECTIVA CÔNICA**, relacionada à realidade urbana compreendida entre o Renascimento e o Classicismo, abrangendo os períodos Barrocos, tanto o colonial quanto o francês. (*circa* 1400 - *circa* 1800).
3. **O MÉTODO CIENTÍFICO**, relacionado à realidade urbana compreendida entre o Urbanismo Barroco e a crise do Modernismo, abrangendo todo o desenvolvimento da Modernidade. (*circa* 1800 - *circa* 1970).
4. **AS TEORIAS DA INFORMAÇÃO**, relacionadas à realidade urbana compreendida entre a Pós-Modernidade e os tempos atuais, abrangendo o leque de acontecimentos contemporâneos. (*circa* 1970 - atualidade).

Notas

*Termo atribuído ao processo de transformação de centros urbanos através da mudança dos grupos sociais.

**Termo atribuído ao processo de cobertura de uma grande área de terra com edifícios durante um período de tempo.

6. Referências Bibliográficas

- ARGAN, G. C. (1982). História da Arte como História da Cidade. São Paulo: Martins Fontes.
- AUGÉ, M. (1992). Los no-lugares. Espacios del Anonimato. Barcelona: Gedisa.
- BENÉVOLO, L. (1997). História da Cidade. São Paulo: Perspectiva.
- CASTELLS, M. (1982). A Questão Urbana. Rio de Janeiro: Paz Terra.
- DELGADO, M. (2007). Sociedades Movedizas. Barcelona: Anagrama.
- FRENCH, H. (2009). Vivienda Colectiva Paradigmática. Barcelona: Gustavo Gili.
- GEDDES, P. (1915). Cities in Evolution. Londres: Willians & Norgate.
- GOITIA, F. C. (2007). Breve História del Urbanismo. Madrid: Alianza.
- GROPIUS, W. (1980). Bauhaus: nova arquitetura. São Paulo: Perspectiva.
- JACOBS, J. (2014). Morte e Vida das Grandes Cidades. São Paulo: Martins Fontes.

KOOLHAAS, R. (1998). *The Generic City*. New York: The Monacelli Press.

RIAL, D. (2014). *Redesenho: novas estratégias em contextos urbanos consolidados*. Barcelona: UPC

SANTOS, M. (2008). *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional*. São Paulo: Edusp.

SJOBERG, G. (1977). *Origem e Evolução das Cidades*. In: *Cidades: A Urbanização da Humanidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

SOLÀ-MORALES, M. (2008). *De Cosas Urbanas*. Barcelona: G. Gilli.

TAFURI, M. (1982). *La arquitectura del humanismo*. Madrid: Xarait.

VASQUEZ, P. K. (2003). *O Brasil na Fotografia Oitocentista*. São Paulo: Metalivros.

VILLAÇA, F. (2001). *Espaço Intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Nobel.

ZEVI, B. (1984). *Saber Ver a Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

6.1 Fontes eletrônicas

www.arquitetandoblog.wordpress.com (20/09/2019).

www.exame.abril.com.br (01/11/2019).

www.outraspalavras.net (21/10/2019).